PIMENTA, Pauline Freire. A representação da (nova) realidade da (não) divisão de tarefas domésticas: análise crítico-discursiva de depoimentos em uma reportagem. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.75-91, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online).

A REPRESENTAÇÃO DA (NOVA) REALIDADE DA (NÃO) DIVISÃO DE TAREFAS DOMÉSTICAS: ANÁLISE CRÍTICO-DISCURSIVA DE DEPOIMENTOS EM UMA REPORTAGEM

THE REPRESENTATION OF THE (NEW) REALITY OF (NOT) DIVISION OF DOMESTIC TASKS: CRITICAL-DISCURSIVE ANALYSIS OF TESTIMONIES IN A STORY

Pauline Freire Pimenta[1]

RESUMO: Este artigo objetiva realizar uma análise crítico-discursiva sobre a dupla jornada de trabalho da mulher e de que maneira ocorre a representação da (não) divisão de tarefas entre mulheres e seus companheiros. Para tal, serão utilizados teóricos da história das mulheres bem como da Análise Crítica do Discurso e serão analisados depoimentos de casais em relação ao assunto, refletindo sobre de que maneira a representação dessa divisão de tarefas ocorre nos dias atuais, embasados na Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1992/2001, 1999 e 2003) e a Teoria da Avaliatividade (WHITE, 2005). Concluímos, ao analisar esses depoimentos, que a reprodução do discurso patriarcal é latente nos excertos, o que demonstra que pouco ou nada mudou em relação à divisão de tarefas ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Dupla jornada de trabalho; Análise de Discurso Crítica.

ABSTRACT: This article aims to perform a critical-discursive analysis of women's double working day and how the representation of the (non) division of tasks between women and their partners occurs. To this end, women's theorists will be used as well as the Critical Discourse Analysis, and we will analyze the testimonies of couples in relation to the subject, reflecting on how the representation of this division of tasks occurs in the present day, based on Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 1992/2001, 1999 and 2003) and the Theory of Evaluation (WHITE, 2005). We conclude by analyzing these statements that the reproduction of the patriarchal discourse is latent in excerpts, which shows that little or nothing has changed in relation to the division of tasks over time.

KEYWORDS: Gender; Double working day; Critical Discourse Analysis.

Considerações Iniciais

Refletir sobre os espaços ocupados pelas mulheres é sempre um tema atual e que não sai de pauta, seja nos estudos de Gênero, em estudos de Sociologia, ou mesmo estudos de Análise do Discurso, sempre nos deparamos com publicações desta natureza. Atreladas a essa atualidade do tema, estão pesquisas como a realizada pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em parceria com a ONU Mulheres, sobre desigualdades de gênero e raça[2], abordando várias temáticas, tais como arranjos familiares, educação, mercado de trabalho, trabalho doméstico remunerado e renda.

[1] Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN), paulinefreire@gmail.com.

[2] Mais informações sobre a pesquisa podem ser encontradas no site: http://www.ipea.gov.br/retrato/. Acesso em 10/5/2017

Com base nessa pesquisa, o jornal O Globo publicou, no ano de 2016, uma reportagem intitulada "Que horas ele chega? Mulher trabalha cada vez mais que homem"[3], cujo conteúdo traz os dados publicados pelo IPEA, já citados neste artigo, bem como falas de especialistas e depoimentos de famílias sobre a divisão de tarefas entre homens e mulheres na esfera privada. A matéria teve como inspiração os resultados da pesquisa realizada pelo Ipea e contempla dados como o maior tempo gasto pelas mulheres em serviços domésticos sendo este praticamente o dobro do tempo gasto pelos homens na mesma atividade, dentre outros.

Este artigo realiza uma análise crítico-discursiva dos depoimentos publicados na matéria, que trazem a temática da divisão de tarefas domésticas. São 3 trechos: o trecho 1 traz o casal Fábio e Aline, e os trechos 2 e 3 trazem o casal Alexandre e Cristiane. Como objetivos deste trabalho destacamos: refletir sobre o histórico dos lugares das mulheres ao longo do tempo; analisar, de forma crítica e discursiva, com base em reflexões teóricas, os depoimentos de famílias sobre a (não) divisão das tarefas domésticas, à luz dos estudos discursivos críticos (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999 e FAIRCLOUGH, 2003), perceber de que maneira o tradicionalismo e as teses do patriarcado ainda estão presentes na fala de homens e mulheres nos depoimentos analisados.

Este trabalho está dividido em três tópicos, além das Considerações Iniciais e das Considerações Finais. No primeiro tópico, apresentamos um histórico da trajetória profissional da mulher e discussões teóricas sobre divisão de tarefas entre as famílias, no segundo tópico, serão retomados conceitos importantes da Análise de Discurso Crítica, e, por fim, serão analisados os depoimentos à luz da Análise do Discurso Crítica, mais especificamente das categorias, dentro do significado representacional, de transitividade e, dentro do significado identificacional, da teoria da Avaliatividade. Para tal análise, serão levados em conta fatores como o tradicionalismo ainda latente em várias famílias brasileiras, que, mesmo com a mulher trabalhando fora, ainda insiste em manter como obrigação dela os afazeres domésticos, além de reflexos da criação tradicional dos homens que respingam ainda hoje na criação de seus próprios filhos, reproduzindo um modelo de criação arcaico e retrógrado, ainda como aquele em que a

[3] Disponível em https://oglobo.globo.com/economia/que-horas-ele-chega-mulher-trabalha-cada-vez-mais-que-homem-18718278. Acesso em 10/5/2017.

esfera privada era prerrogativa da mulher. Esses fatores contribuem para reforçar a representação da (não) divisão das tarefas domésticas nos depoimentos dos entrevistados na reportagem, e as escolhas lexicais colaboram para que a análise de discurso seja realizada por meio da análise dos trechos de falas dos mesmos.

Diante do exposto, e após as mulheres conseguirem romper barreiras em relação ao mercado de trabalho e adentrar à esfera pública, cabe o questionamento sobre como se dá a relação entre homens e mulheres na esfera privada quando o assunto é a divisão das tarefas domésticas. Como a mulher foi por muito tempo responsável pelos afazeres da casa, agora que ela também trabalha fora, como fica essa questão dentro de casa? Quem faz os trabalhos domésticos? Essa divisão é equânime já que ambos (esposa e esposo) trabalham fora de casa e colaboram com o salário para suprir as despesas da casa?

Da esfera privada à esfera pública: trajetória da mulher até os dias atuais

As mulheres ocuparam, há tempos, um papel específico de esfera privada, aquele dedicado ao cuidado do lar e dos filhos, enquanto os homens estavam destinados à esfera pública, aquela voltada ao trabalho e a conseguir o sustento da família. O patriarcado foi, por muito tempo, a ordem natural das relações familiares, e a mulher devia obediência, primeiro ao pai e, depois de casada, ao marido. O motivo de viver das mulheres era seu lar, enquanto os maridos saíam para trabalhar e manter o sustento da casa. Exercer uma profissão somente era possível com a autorização do marido.

Após ser mantido por muito tempo este modelo patriarcal, foi na Revolução Industrial que as mulheres saíram de casa para ocupar espaços antes restritos aos homens uma vez que “em nome da utilidade social, as mulheres do século XIX e, sobretudo as do século XX, são convidadas a sair de casa para servir e estender a sua maternidade a toda a sociedade” (DUBY e PERROT, 1991, p. 9). Vale ressaltar que “historicamente, a maior participação da mulher na esfera extradoméstica esteve sempre ligada ao afastamento do homem por motivo de guerras” (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 17), ou seja, quando o homem ia para a guerra, a mulher não só assumia suas atribuições dentro de casa, como também precisava assumir certas funções fora dela.

A partir dos anos 60, o movimento feminista foi ganhando força e agregando cada vez mais adeptos e militantes lutando em favor dos direitos da mulher, até os dias de hoje, quando se percebe um quadro de luta e resistência nos mais variados âmbitos: imprensa, redes sociais, ONGs a favor dos direitos de mulheres, negros, LGBT, indígenas, etc. Percebemos, portanto, um avanço na situação das mulheres, mas ainda assim é real a maior carga de trabalho dentro de casa ainda para elas. Apesar de a história mostrar que houve mudanças, uma pequena amostra como estamos discutindo neste artigo permite perceber o quanto ainda é preciso avançar no tocante às relações de igualdade entre homens e mulheres.

A divisão entre o público e o privado é nítida em vários momentos na história, pois "aos homens, o público, cujo centro é a política. Às mulheres, o privado, cujo coração é formado pelo doméstico e a casa" (PERROT, 2005, p. 459), o que significava que ambos os sexos tinham seus papéis bem definidos e não podiam ser transpostos. Essa separação tem reflexos ainda nos dias de hoje nos lares em que a divisão das tarefas domésticas caminha distribuída de maneira desigual, conforme veremos na análise da reportagem.

Outra reflexão importante é em relação ao então afastamento dos homens dos trabalhos domésticos, que já ocorria quando na ocasião das guerras, em que eles deixavam suas casas sob a responsabilidade das mulheres e também pelo fato de estarem "fadados" à esfera pública, o que não lhes permitia exercer trabalhos domésticos também devido ao fato de prover o lar com recursos financeiros. Conforme Hill,

> A tendência dos homens a se afastarem do envolvimento com o trabalho doméstico foi explicada como o resultado de serem eles 'os principais provedores do pão de cada dia, independentemente de suas mulheres trabalharem ou não, parecia justo que eles fossem isentos do trabalho doméstico'. Esta afirmação revela muita coisa; não é o fato dos homens trabalharem mais que as mulheres que justifica sua isenção do trabalho doméstico, mas o fato de que eles ganham mais do que as mulheres. (HILL, 1995, p. 45)

Ainda sobre o trabalho doméstico, Michelle Perrot, na obra "Minha história das mulheres", faz reflexões importantes, uma delas afirmando que a dona de casa, em tempos passados, era vista como objeto de desejo dos homens e era uma obsessão para as mulheres, ressaltando que "o caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a

mulher é sempre dona de casa" (PERROT, 2007, p. 115). Ainda em relação a isso, ela afirma a importância do trabalho doméstico na sociedade, mas destacando que ele é ainda responsabilidade das mulheres, e que ao longo do tempo ele se transforma, mas continua a ser atribuição delas. Há um pequeno avanço, pois os

> os trabalhos domésticos propriamente ditos se amenizaram. Mas os filhos – sua saúde, seus estudos, suas distrações – os substituíram. De tal forma que o doméstico continua a pesar na agenda das mulheres. Sem que os homens colaborem mais (PERROT, 2007, p. 118),

ou seja, elas ainda o fazem bem mais que os homens, haja vista a pesquisa já citada no início deste artigo, e não contam com a divisão de tarefas com seus companheiros.

Um outro questionamento importante seria por que a mulher também trabalha fora de casa e mesmo assim arca com maiores responsabilidades ainda em relação à esfera doméstica? Uma pergunta ainda sem resposta e que traz, na reflexão de Alves e Pitanguy (1981), o reflexo da sociedade atual:

> Neste momento de busca e de transformação, em que os papéis sociais-sexuais não estão ainda reformulados, as mulheres se vêem assoberbadas pelo duplo papel que passaram a cumprir, assumindo com o homem o sustento da família, mas não partilhando com ele os encargos domésticos (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 66).

No próximo tópico traremos a fundamentação teórica da Análise de Discurso Crítica que embasará a análise realizada neste artigo, e no tópico seguinte a este as análises da reportagem.

A Análise de Discurso Crítica como ferramenta de análise

A Análise de Discurso Crítica (ADC) tem como seu principal representante Norman Fairclough e se destaca por considerar a linguagem como prática social. Segundo Resende e Ramalho, "situada na interface entre a Linguística e a Ciência Social Crítica, a ADC procura estabelecer um quadro analítico capaz de mapear a conexão entre relações de poder e recursos linguísticos selecionados por pessoas ou grupos sociais" (RESENDE E RAMALHO, 2010, p. 185)

O discurso constitui 'identidades sociais', relações sociais e sistemas de conhecimento e crença; os três efeitos constitutivos do discurso são responsáveis também pela maneira como é moldado. Dessa forma, a maneira como fazemos uso do

discurso influencia e é influenciado pelas práticas sociais a que estamos ligados ou envolvidos. Na abordagem proposta por Norman Fairclough (2003) são apresentados três significados (acional, representacional e identificacional), cujas categorias são essenciais para a análise dos variados tipos de corpus. Fairclough (2003), discutindo a linguagem como um construto semiótico, em que várias semioses se interconectam, amplia a ideia anterior de que a língua apenas funciona de formas diferentes em contextos diferentes. A função ideacional, portanto, se tornaria significado representacional, a função identitária seria agora o significado identificacional e as funções relacional e textual se juntariam ao significado acional. O significado acional teria relação com os modos de agir discursivamente, reforçando a ideia de legitimação da ação por meio das relações entre os sujeitos, o significado representacional seria relacionado a modos de representação de aspectos do mundo e o significado identificacional, construindo ou negociando identidades, seria a maneira como as identidades são representadas. (RESENDE e RAMALHO, 2006).

Para a análise do nosso *corpus* neste artigo nos ateremos aos significados representacional, com a categoria de transitividade, e identificacional, com a categoria avaliatividade. Importante destacar que ambas as categorias têm origem na Linguística sistêmico-funcional, de Halliday (2004), que seria uma ferramenta metodológica amplamente utilizada na ADC e nos auxiliarão sobremaneira na análise da representação a que nos propomos realizar. Esboçaremos abaixo os principais conceitos das teorias.

A teoria da Avaliatividade, de Martin e White, surge a partir de relações com a linguística sistêmico-funcional de Halliday (2004), com o intuito de fornecer ferramentas metodológicas para analisar a avaliação em sujeitos, ou seja, de que forma ocorrem os posicionamentos em relação a diversos pontos destacados pelos falantes. A partir dos diferentes graus de avaliatividade, percebe-se os diferentes graus de intensidade para que a atribuição de valor sobre determinado aspecto seja expressa, de forma que a avaliatividade se torne também um recurso para que os falantes expressem suas opiniões ou suas avaliações acerca de um determinado assunto.

Para White (2004), a avaliatividade é um recurso importante que reflete de que maneira a língua é usada para marcar os posicionamentos. Segundo Vian Junior,

> a avaliatividade está relacionada a todo o potencial que a língua oferece para [...] expressarmos pontos de vista positivos ou negativos, para graduarmos a força ou foco do que expressamos e para negociarmos a inter-subjetividade e assim por diante. (VIAN JR, 2010, p. 25).

Ligada à metafunção interpessoal de Halliday (2004)[4], a qual destaca a relação entre falante/ouvinte ou entre escritor/leitor, a avaliatividade representa um reflexo de opiniões e de que maneira essas opiniões são apresentadas pelos falantes. Além da metafunção interpessoal, é possível relacionar a teoria com o significado ideacional, que trata da construção dos significados, uma vez que é possível analisar o *corpus* também por meio do sistema de transitividade e dos tipos de processos presentes no *corpus*. As avaliações trazem a revelação de valores, sentimentos, dentre outras emoções, e trazem um status que mostra a autoridade que pode ser realizada no texto. (MARTIN E WHITE, 2005, p. 2).

O sistema de Avaliatividade, portanto, abrange 3 sub-sistemas que se transformam em categorias de análise que auxiliam pesquisadores em seus trabalhos. Seriam eles: Atitude, Engajamento e Gradação. A Atitude teria relação com as avaliações propriamente ditas, incluindo juízos de comportamento e reações emocionais, seria dividida em 3 subsistemas que seriam a Apreciação, o Afeto e o Julgamento. O Engajamento teria relação com a posição da voz do autor do texto, ou com as origens da atitude, e se subdividiria em Monoglassia e Heteroglassia. A Gradação teria relação com a intensificação e se subdividiria em força e foco.

Os subsistemas da Atitude e da Gradação serão detalhados a seguir pelo fato de proporcionarem mais possibilidades de análise em nosso corpus de trabalho. O subsistema da Atitude, portanto, conforme já mencionado, se subdivide em outros três. O primeiro seria o Afeto, configurando-se como a maneira de demonstrar as emoções no discurso ou as relações afetivas e seria composto por três subconjuntos: (in)felicidade, (in)satisfação e (in)segurança. O segundo seria o Julgamento, relacionado a comportamento e ética, subdividindo-se em estima social, que englobaria as avaliações morais, com a normalidade, a capacidade e a tenacidade, e a sanção social, relacionada a regras e códigos legais, incluindo a propriedade e a veracidade. O terceiro seria a Apreciação, relacionado à estética e envolveria, segundo Martin e White (2005),

[4] Halliday (2004) apresenta três metafunções na linguística sistêmico-funcional: metafunção ideacional, textual e interpessoal.

"(...) avaliação de fenômenos naturais e semióticos, de acordo com as formas em que eles são valorizados ou não em determinado campo." (MARTIN E WHITE, 2005, p. 42). A apreciação seria de 3 tipos: reação, subdividida em impacto e qualidade; composição, subdividida em equilíbrio e complexidade e a valoração. Em relação à Gradação, este seria quando o falante marca uma intensificação em sua fala, modificando a força e o foco de sua avaliação. Ela é composta de 2 subsistemas: Força e Foco. O primeiro teria relação com intensidade, temporalidade ou quantidade e o segundo com precisão e foco. Em nossa análise, daremos mais ênfase às categorias de Atitude, mais especificamente Julgamento, e à Gradação.

Outro conceito importante a ser abordado é o de transitividade. Halliday apresenta três aspectos, campo, modo e participantes. O primeiro aspecto seria o campo, o senso geral do que se fala ou o que está acontecendo, este se relacionando com a função experiencial, representacional, que diz respeito aos processos, participantes e circunstâncias, ou seja, a tudo que o texto diz respeito. Através deste aspecto é possível identificar características importantes sobre o que ocorre no gênero em questão, quais os processos (verbos) utilizados, e o porquê dessa utilização, bem como as circunstâncias que permeiam o registro em si. No que diz respeito aos *processos*, aspecto explorado a fim de auxiliar-nos na caracterização do gênero, tem-se a divisão entre *processos*: a) *materiais,* representando o mundo físico, através de verbos de ação, de acontecimento; b) *relacionais,* a atribuição de algo, já que dão identidade, simbolizando algo, através de verbos de estado, retratando um mundo de relações abstratas (HALLIDAY, 1994); c) *mentais,* a representação do mundo da consciência, sendo estes verbos de sensação, pensamento e sentimento; d) *existenciais*, entendidos como indicadores de existência; e e) *verbais,* alguma ação relativa à linguagem. O segundo aspecto seria participantes, as relações pessoais envolvidas, estes seriam os "tenores" do discurso que se relacionariam com a função interpessoal, ou seja, quem está envolvido e quem está falando. Por fim, o terceiro aspecto seria a metalinguagem do modo do discurso, que abrange as regras de linguagem, ou seja, o modo ou a maneira como o texto foi escrito, assim a linguagem agiria como processo e estaria refletida na função textual. Em nossa análise, para que percebamos como ocorre a representação a que nos propomos realizar, observar os tipos de processos e participantes será importante pois mostrará de que maneira os atores se colocam nos seus depoimentos.

A quem ainda pertence a esfera privada? A dupla jornada de trabalho da mulher e a (não) divisão de tarefas com os companheiros

Para a análise empreendida por este artigo, conforme já mencionado anteriormente, utilizaremos 3 depoimentos da reportagem citada. Para facilitar o entendimento, traremos o trecho primeiramente, para em seguida proceder à análise. No trecho 1, trazemos o casal Fábio e Aline.

> Com o argumento "pintei as unhas e não posso estragá-las", ela consegue fazer o marido, pelo menos, lavar louça. Segundo Aline, o tema é recorrente nas conversas com as amigas, que se admiram ao saber que Fábio "até lava louça". Ela trabalha duas horas a mais que o marido por semana:
> — O Fábio é um excelente pai, presente, mas é normal que a carga dos filhos venha um pouco para cima da mãe. A logística da casa, desde lembrar que tem de pagar tal conta a comprar material de limpeza, é tudo comigo. Eu tenho vontade de chegar em casa e encontrar tudo direitinho.
> O marido diz, brincando, que a mulher encontra a casa em ordem quando a diarista faz limpeza:
> — Ela só encontra a casa assim às quartas e sextas. Não me nego a fazer nada. Mas se eu vir o cesto cheio de roupa, não vou pôr na máquina.
> A máquina de lavar roupas parece assustar.
> — A nossa máquina é a mesma desde que casamos, há oito anos. E ele faz perguntas até hoje: "É para usar qual botão?", "Bota amaciante?" — brinca Aline.
> — Mas eu ponho pra bater e penduro — defende-se Fábio.
> Trecho 1: casal Fábio e Aline

No trecho exposto acima, temos vários itens lexicais e expressões que demonstram um tradicionalismo presente tanto na fala da mulher quando do homem. No excerto "O Fábio é um excelente pai, presente, mas é normal que a carga dos filhos venha um pouco para cima da mãe", em relação primeiramente ao uso dos processos, temos o uso dos processos relacionais que trazem uma característica ao Fábio, que é classificado como um excelente pai, além disso, o adjetivo "excelente" traz um *Julgamento* positivo, ou seja, ele não é somente bom ou ótimo, mas mais que isso, é excelente. O "mas" quebra essa classificação atributiva, deixando perceber que, apesar disso, a carga dos filhos normalmente vem para a mãe, além disso, a expressão "um pouco" apresenta uma *Gradação*, pois demonstra que a entrevistada talvez pretenda deixar claro que não é muito ou totalmente responsabilidade da mãe a "carga" dos filhos, mas somente "um pouco". O termo "normal" também demonstra um julgamento,

neste caso de estima social, de normalidade, pois para essa mulher, que trabalha fora e também colabora com as despesas da casa, ainda assim é considerado normal, ou dentro dos padrões da sociedade e do senso comum, que os filhos ainda sejam mais responsabilidade da mãe. Essa afirmação representa um tradicionalismo ainda forte pujante na realidade não só desta mãe, mas de várias, cujas mães e avós foram criadas com a ideia de que a esfera privada lhes pertencia, enquanto a esfera pública pertencia ao marido. Desta forma, a representação da mulher como maior responsável ainda pela casa e pelos filhos, mesmo ela trabalhando fora de casa o dia todo, é explícita, o que reforça a reprodução do discurso patriarcal.

Outro excerto que demonstra claramente esse tradicionalismo é quando o próprio marido afirma "Não me nego a fazer nada. Mas se eu vir o cesto cheio de roupa, não vou pôr na máquina", ou seja, ele não se nega, mas não tem a iniciativa de participar mais ativamente das tarefas domésticas, mesmo sabendo que a roupa está lá para ser colocada na máquina, a responsabilidade ali ainda é da mulher. A utilização dos processos verbais (nego), mental (vir) e material (vou pôr), demonstra que há uma contradição ali, já que ele não se nega se a esposa pedir, mas ele não toma a iniciativa. Mais uma vez, o patriarcado se mostra presente já que a mulher seria, normalmente, a responsável por aquela tarefa. No excerto "Eu tenho vontade de chegar em casa e encontrar tudo direitinho", a esposa deixa explícito um julgamento de satisfação/insatisfação, pois ao usar o processo "tenho vontade", que significa "gostaria", ela mostra claramente uma insatisfação de não encontrar tudo da maneira como ela gostaria.

A análise do trecho inicial, com a voz da reportagem, também se mostra interessante de ser analisada, uma vez que carrega várias ocorrências relevantes. No início do trecho 1, mulher precisa de argumentos para não ser a responsável pela louça e conseguir que o marido faça, "pelo menos" essa tarefa. No excerto: "Com o argumento "pintei as unhas e não posso estragá-las", ela consegue fazer o marido, pelo menos, lavar louça. Segundo Aline, o tema é recorrente nas conversas com as amigas, que se admiram ao saber que Fábio "até lava louça"," percebe-se, com vários conectivos e modalizadores textuais, tais como "pelo menos" e "até", que as atitudes poderiam ser consideradas fora do padrão, ou seja, quando se afirma que o marido pelo menos lava a

louça, percebe-se uma dificuldade em fazer com que o marido divida as tarefas domésticas com a esposa, sendo motivo inclusive de admiração por parte das amigas, pelo fato de ele "até lavar a louça" O fato das amigas se admirarem pode ser interpretado como algo não esperado ainda por parte da sociedade, uma vez que ainda espera-se que a mulher seja a principal responsável por essas tarefas da esfera privada. A utilização do processo mental "admiram", em que as amigas se surpreendem pelo fato de o marido "ajudar" nas tarefas domésticas, demonstra o quanto a representação da mulher responsável pelas tarefas domésticas ainda é forte.

No trecho 2 temos a fala do casal Cristiane e Alexandre.

> Na casa da professora de Educação Física Cristiane Lacerda, de 45 anos, e do técnico de vôlei Alexandre Rozenberg, de 41 anos, em Botafogo, Zona Sul do Rio, a situação se repete. Com dois filhos, Breno, de 10 anos e Hanna, de 8 anos, praticamente todo o cuidado das crianças fica com Cristiane. Alexandre leva Hanna para a natação e serve o seu almoço.— Sou muito agitada. Ele é mais tranquilo. Ele ajuda, mas se está a fim de ver televisão, vai para a TV. As roupas ficam comigo, as coisas das crianças e a comida, porque nem um ovo ele sabe quebrar. Esses dias comprei alface e pus em cima da pia. Saí, voltei e estava ainda em cima da pia. Eu perguntei: "Não podia ter lavado?". Ele disse: "Ah, você não falou" — conta Cristiane, que chega a trabalhar 20 horas a mais por semana que o marido. Alexandre ouve as reclamações da esposa e diz estar gostando de saber o que a incomoda. Pede que ela fale mais, mas antes, defende-se. — Eu nunca lavei alface! Nem sei como faz. Sou do signo de virgem e, para mim, tem de estar tudo ajeitadinho. Fico incomodado com as coisas fora do lugar. Daí é a morte — conta em tom de brincadeira.
> Trecho 2: casal Cristiane e Alexandre

No segundo trecho exposto acima, percebemos novamente o tradicionalismo presente em alguns excertos. Quando é afirmado pela reportagem que "praticamente todo o cuidado das crianças fica com Cristiane.", percebe-se que novamente as atribuições pertencentes às mulheres antes de elas adentrarem no mercado de trabalho ainda se mantém sob responsabilidade delas.

Outro aspecto importante e que pode ser considerado no trecho acima é em relação às ações dos homens, que podem ser consideradas consequências talvez de sua criação, também tradicional, onde o homem era da esfera pública e a mulher da esfera privada. No trecho "Eu sou muito agitada. Ele é mais tranquilo. Ele ajuda, mas se está a fim de ver televisão, vai para a TV", temos várias considerações que nos auxiliam na representação do homem avesso à esfera privada, que engloba as tarefas domésticas. Os processos relacionais "sou" e "é" que classificam tanto a mulher como agitada como o

homem como mais tranquilo, deixam claro que essa seria uma justificativa para a mulher realizar mais tarefas, já que para ele poderia deixar como está. Os processos materiais "ajuda" e "vai" representam o homem como ator da ação, numa tentativa de a esposa mostrar que ele age em alguns momentos, mas no caso do primeiro com uma conotação positiva e no segundo com uma conotação mais negativa, já que ele vai para a TV se estiver com vontade, enquanto ela realiza as atividades da casa.

Em relação ao excerto "As roupas ficam comigo, as coisas das crianças e a comida, porque nem um ovo ele sabe quebrar", fica claro que o esposo não cuida da parte da alimentação pois não sabe fazê-lo, ou seja, provavelmente, devido à criação tradicional, também na casa de sua mãe, por exemplo, ele foi criado para fazer parte da esfera pública, não da esfera privada, que é lugar das mulheres. Ainda em outro trecho, quando o marido afirma que "— Eu nunca lavei alface! Nem sei como faz", também fica claro que se ele não sabe, muito provavelmente não foi ensinado e provavelmente não o foi por sua família antes de se casar, reiterando novamente o tradicionalismo. Os processos mentais "sabe" e "sei" deixam claro que esse ensinamento não partiu de sua criação, o que reforça a representação do homem voltado à esfera pública e avesso às tarefas domésticas. Percebemos, ainda, a Gradação no primeiro excerto: "Sou muito agitada. Ele é mais tranquilo", ou seja, pelo fato de ela ser agitada e ele tranquilo, fica demonstrado, pela voz da própria esposa, que essa agitação faz com que ela realize também mais tarefas, enquanto ele fica mais na TV.

A falta de iniciativa é presente também no depoimento do trecho 2, quando o marido afirma que "Eu não vou mexer na máquina de lavar roupas. Mas, se quiser, eu ponho a mesa, eu dobro e guardo as roupas. Várias vezes ela vê que tem coisa para fazer e eu estou sentado vendo futebol na TV". Neste caso, ele afirma que se a esposa quiser, ele faz as tarefas domésticas, apesar de ele não mexer na máquina de lavar roupas. Percebemos alguns aspectos de avaliatividade no excerto: "Não sei como faz", no qual há um julgamento por estima social, de capacidade, uma vez que ele não tem condições de fazer, pois não lhe foi ensinado, muito provavelmente por sua família, tradicional, que deixava a atribuição dos serviços domésticos para a mulher e não para o homem. Temos ainda um julgamento negativo do próprio esposo ao afirmar que "Fico incomodado...", e nesse momento, apesar de ela não participar das tarefas domésticas, ele ainda fica incomodado caso elas não tenham sido feitas, o que representa ainda mais

fortemente a atribuição da mulher como responsável por aquelas tarefas, que poderiam ser divididas por todos da casa.

Um último aspecto interessante que perpassa tanto o trecho 2 quanto o trecho 1 é a metáfora da luta, percebida pela utilização do processo "defende-se". No trecho 1, temos o excerto: "- Mas eu ponho para bater e penduro – defende-se Fábio." e no trecho 2 temos: "Pede que ela fale mais, mas antes defende-se", ou seja, em ambos os trechos o processo material defender está presente, sempre se referindo ao ator 'marido/esposo' que se 'defenderia' de algo, no caso poderia ser das acusações da esposa de que ele não realiza as tarefas domésticas como ela gostaria. Essa representação do esposo como a vítima que é atacada pela esposa e que precisa se defender vai de encontro à sua posição tradicional de progenitor, ou de patriarca, porém, deve-se destacar que a mulher se coloca na posição de acusadora pelo fato de cobrar do esposo sua 'ajuda' dentro de casa, já que ela já 'ajuda' financeiramente. Essa metáfora pode ser percebida pelo fato de o casal viver em constante 'luta' e conflitos em que a mulher cobra mais participação dele a todo momento, já que ela se vê em jornadas cansativas de trabalho dentro e fora de casa, como percebe-se nos depoimentos da reportagem.

O trecho 3 traz ainda falas de Cristiane e Alexandre, mas acompanhadas de falas de especialistas citados na reportagem.

> E a desigualdade persiste mesmo entre os casais mais escolarizados. Entre as mulheres que têm ensino superior, a jornada é 4 horas e 12 minutos maior que a do homem. Entre as mulheres que têm ensino fundamental incompleto, a diferença é de 4 horas e 48 minutos em relação ao homem. O estudo faz a mulher trabalhar 36 minutos menos por semana. Neuma crê que a nova geração vai conseguir diminuir essa desigualdade:
> — Eu acho que as mulheres mais jovens podem mudar alguma coisa. Cristiane e Alexandre, que desde outubro cortaram a empregada para reduzir gastos, passaram a incluir os filhos nas tarefas.
> — Meu filho é igual a mim quando minha mãe pedia ajuda: continua sentado no sofá — diz o pai.
> Cristiane não perde a esperança:
> — Hanna ajuda mais do que Breno. Mas não quero que esse comportamento se repita no meu filho. Isso vem dos antigos. Parece normal, mas não é. Segundo Hildete, as mulheres ficam muito culpadas quando estão no trabalho fora:
> — O trabalho em casa é trabalho não pago, oferecido para sociedade. Ela faz por amor.
> Trecho 3: casal Cristiane e Alexandre

No trecho acima percebe-se, de forma bem mais clara, o quanto a representação da criação tradicional está presente e reflete em comportamentos mesmo passando de

geração a geração. A afirmação do marido de que "Meu filho é igual a mim quando minha mãe pedia ajuda: continua sentado no sofá — diz o pai." reforça ainda mais a não divisão de tarefas entre marido e esposa, ou entre homens e mulheres. Quando afirma que o filho é igual a ele quando criança, o marido deixa claro que essa criação tradicional vem de sua criação e vem sendo passada para seu filho, mesmo o filho vivendo em pleno século XXI, quando as mulheres já avançaram e muito na luta por direitos e pela igualdade com os homens. Percebe-se, na utilização do processo relacional "é", a classificação do filho como igual ao pai, além disso, no excerto todo percebemos um julgamento de estigma social de normalidade, uma vez que o pai relata essa característica do filho com muita naturalidade, como se estivesse de acordo na sociedade e no senso comum que o filho ficasse sentado no sofá quando a mãe pede ajuda. Quando a mãe refuta o comportamento e espera que não aconteça ao afirmar que "Hanna ajuda mais do que Breno. Mas não quero que esse comportamento se repita no meu filho. Isso vem dos antigos. Parece normal, mas não é.", a esposa diz não concordar com o comportamento e desejar que não ocorra em sua casa, apesar de afirmar que a filha mulher ajuda mais nos afazeres domésticos que o filho homem. Nesse último excerto percebemos uma Gradação, quando é dito "ajuda mais", além de julgamento de insatisfação, quando a mãe afirma 'não quero' e outro julgamento de estigma social de normalidade, atrelado ao de insatisfação quando ela ainda afirma "Parece normal mas não é".

Podemos pensar, de maneira ampla, devido aos dados e depoimentos analisados neste artigo, que hoje, apesar de os homens "ajudarem" em algumas tarefas domésticas, o mais pesado ainda fica com a mulher. A necessidade de acordos é essencial para que não pese para nenhum dos dois. Cabe trazer uma reflexão de Hill sobre a dificuldade de se conciliar essa divisão de trabalho:

> Mas mesmo se fosse possível e o trabalho doméstico pudesse ser dividido igualmente entre homens e mulheres (o que seria uma enorme melhoria em relação à posição atual), fazer cumprir o código não envolveria qualquer mudança na atitude do homem quanto ao trabalho doméstico ser "trabalho de mulher". E mesmo que houvesse uma mudança nas atitudes dos homens, se consideramos o trabalho doméstico como enfadonho – será este um tipo de trabalho que vai deixar de ser tudo isto e parar de oprimir quem o faça? É necessário transformar a natureza do trabalho doméstico? Deve haver um reconhecimento oficial de quantas horas valiosas de trabalho são gastas nele pelas donas de casa? (HILL, 1995, p. 47)

Considerações finais

Após refletirmos sobre a história do "lugar" da mulher na esfera privada e a conquista de seu "lugar" na esfera pública, bem como conhecer e reafirmar a realidade de famílias que ainda hoje convivem com a (não) divisão das tarefas domésticas na esfera privada, cabe fazer algumas considerações finais.

Apesar de a responsabilidade da casa não ser só da mulher, raros são os companheiros que dividem as tarefas com a esposa. Isso pode ser percebido tanto na pesquisa do Ipea, quando é destacado que as mulheres gastam mais tempo nas atividades domésticas que os homens, quanto nos depoimentos da reportagem. Na verdade, elas coordenam tanto a rotina dos filhos quanto da casa. Essa é uma realidade que, infelizmente, faz parte do cotidiano de muitas mulheres, inclusive daquelas que tem uma renda superior à do marido. Aspectos como o tradicionalismo latente e ainda reproduzido por famílias, a criação que esses esposos receberam em suas famílias, o que reflete na falta de iniciativa do marido em realizar as tarefas sem a esposa solicitar, além da reprodução desse comportamento nos filhos desses maridos que tem evitado "ajudar" nas tarefas domésticas, são alguns pontos importantes percebidos neste artigo.

Os depoimentos dos casais na reportagem analisada nos permitiram perceber a força ainda latente do tradicionalismo, mesmo sendo ele rejeitado pelas esposas, que buscam como alternativa fazer piada da situação. Levando em consideração que a Análise de Discurso Crítica traz a relação entre a linguagem e o social como primordial, e Norman Fairclough, em sua ADTO traz reflexões importantes sobre problemas existentes na sociedades, obstáculos a serem superados, em seguida, a função do problema na prática e a solução desse problema, percebe-se que essa questão da não divisão das tarefas domésticas é muito mais grave do que imaginamos e um problema social robusto, pois ela é reproduzida a todo momento em discursos masculinos e até mesmo nos das mulheres que sofrem com a maior carga de trabalho dentro de casa.

Diante disso, cabem algumas perguntas: até quando o modelo patriarcal será reproduzido em famílias que já nascem com a esposa trabalhando fora de casa e contribuindo com o orçamento doméstico? Até quando a (não) divisão das tarefas domésticas será uma realidade em lares "modernos"? Até quando os homens/esposos

irão reproduzir o que aprenderam em casa e não vão perceber que estão passando esse modelo para seus filhos? Até quando as mulheres vão aceitar e "mendigar" ajuda de seus esposos e filhos, sendo que ela também trabalhou fora de casa tanto tempo quanto o marido ou mais?

As perguntas expostas acima são apenas algumas das muitas que nos fazem refletir e, por alguns momentos, até questionarmos sobre a real evolução do papel da mulher na sociedade que pensamos ter avançado, mas que ainda tem alguns percalços que precisam ser transpassados com urgência. Cabe a cada uma das esposas que se sobrecarregam com essas atividades, cabe a cada um dos maridos que se negam a "ajudar" talvez devido à criação que tiveram, cabe a cada filho e filha mudar sua conduta e perceber que a obrigação das tarefas domésticas cabe a cada um que vive naquela casa e não somente à mãe/esposa. Desafio latente, mas não impossível, em um mundo "moderno" que insiste em manter ainda alguns estereótipos arcaicos.

Referências

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity:* rethinking critical discourse analysis. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Org.). *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1991.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

___. *Discurso e Mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.

___. *Analysing Discourse*: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

HALLIDAY, Michael. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael. *Introduction to functional grammar.* 3 ed. London: Arnold, 2004.

HILL, Bridget. *"Trabalho doméstico é trabalho de mulher": tecnologia e a mudança no papel da dona de casa*. VARIA HISTÓRIA. Belo Horizonte, n. 14, p. 9-21, set/1995.

MAGALHÃES, Célia Magalhães. (Org) *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

MARTIN, James; WHITE, Peter. *The language of evaluation:* appraisal in English. New York: Palgrave, 2005.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros***.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

___. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005

___. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

RESENDE, Viviane, e RAMALHO, V. "Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas." *Linguagem em (Dis) curso* 5.1 (2010): 185-208.

VIAN JR. Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Pereira (Orgs). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa.* Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliaitivade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

WHITE, Peter. *Valoração:* a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Revista Linguagem em (Dis)curso.* Volume 4, número especial, 2004.

Recebido em julho de 2018

Aceito em setembro de 2018